

Após a greve, rendimento cai

As notas dos alunos da Escola do Setor Oeste estão uma catástrofe depois da greve. A constatação é dos próprios colegiais. Atribuem a quantidade de conteúdos e a cobrança intensa com testes e provas. Reclamam das verificações muito longas e da preocupação excessiva da escola com a aprovação no Vestibular. "É demais", sotetram Graziella, Luciana e Ana Paula, todas estudantes do terceiro ano.

Elas ficam atordoadas com a quantidade de matéria despejada e por terem de estudar para as provas bimestrais aos sábados e os testes durante a semana. Acham que o reinício das aulas, na primeira semana, não foi bom. As matérias não foram dadas direito e tudo correu meio atropelado. Mesmo estudando em um colégio considerado modelo, sentem-se despreparadas para enfrentar o Vestibular. Tem matérias, como inglês, que alegam não terem aprendido nada.

Mas as deficiências, ressaltam, não são apenas da escola. "O nó é na Fundação Educacional, que não dá nenhum apoio e não envia material suficiente", enumera Graziella. Os professores, por sua vez, estão deixando a escola por causa dos baixos salários e não há seleção para os que entram, conta Ana Paula.

PREFERÊNCIA

O encarregado pedagógico do Setor Oeste, professor Luis Roberto Ribeiro, garante que todos os alunos conseguem vaga na escola. Como a preferência é pelo matutino, o teste de Português e Matemática serve apenas para classificá-los no turno da manhã ou tarde. Com um total de 869 estudantes, o colégio oferece 400 vagas no primeiro ano do 2º grau.

O colégio se destaca por conseguir que seus alunos tenham um bom índice de aprovação no Vestibular. No penúltimo, dos 86 inscritos, na UnB, 23 passaram. Este número é possível porque o curso é acadêmico e não profissionalizante, desde 86. Os professores fizeram um movimento para aplicar a Lei 7044/82 que permite desenrolver o currículo de 2º grau integral.

Luis Roberto afirma que não há nenhum esquema especial para os alunos do terceiro ano, como um cursinho pré-vestibular. Os professores apenas dão plantão na escola, em turnos diferentes, para esclarecer as dificuldades. Quanto à reposição, o encarregado assegura que está acontecendo normalmente. A frequência é boa e não há reclamações. Acha que o intervalo de uma semana em setembro é necessário "para todo mundo dar uma respirada". Os turnos são de seis períodos e o esquema para as aulas de sábado é o seguinte: os dois primeiros de cada mês, matéria, e os outros dois, provas.

CAN

Qualquer atividade extraescolar que pudesse tirar o aluno da sala de aula foi suspensa pela direção do CAN, para evitar a perda de dias de reposição, informa a diretora, Orieta Maria Porto Ribeiro Machado. A escola, com um total de mil e um alunos, atende da sétima série ao terceiro ano do segundo grau, fica na Asa Norte e recebe, na maioria, os alunos da classe média baixa.

A diretora considera que a reposição está atingindo os objetivos, mas está preocupada com a frequência que começou a cair. Por isso, está estudando com alunos e professores novas fórmulas para atrair os estudantes. Não tem como avaliar ainda se os alunos enfrentam maiores dificuldades depois da greve, já que a avaliação do segundo bimestre não foi concluída.

Diz que se existe defasagem não é em função da greve e sim do ensino. A escola aplica pré-testes aos alunos que ingressam e a constatação é que já chegam ali com carência de conteúdos. Por isso, não acredita que a paralisação seja culpada pelas dificuldades dos estudantes. Além de se preocupar com os caminhos do ensino público, Orieta também fala do estado de abandono da escola.

Para os alunos do último ano do 2º grau, a reposição das aulas está muito ruim. Segundo eles, não foram consultados e tudo "foi decidido de cima para baixo".